

## Representações sociais de homem e mulher para universitários religiosos

### Representations of men and women for religious university students

Thiago Mikael-Silva<sup>1</sup> , Sara Rie Hirokawa<sup>2</sup> , Caio Galícia<sup>3</sup> , Alberto Mesaque Martins<sup>4</sup> 

Pesquisas destacam a relevância das crenças e práticas religiosas na formação das ideias sobre os papéis de homens e mulheres, assim como para explicação das particularidades entre os gêneros. Esse estudo busca identificar e analisar as representações sociais de homem e mulher para universitários religiosos. Trata-se de um estudo descritivo e exploratório que contou com a participação de 561 estudantes, matriculados em cursos de graduação, de todas as regiões do Brasil, selecionados de forma aleatória e não intencional, respondendo a um formulário virtual, com 48 questões e submetidos à Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), sendo os termos utilizados neste estudo: “Mulher” e “Homem”. Também foi feita uma divisão dos dados, entre universitários religiosos, separando homem e mulher, e universitários sem auto denominação religiosa, contendo ambos os sexos. Os resultados apontam para o papel, ainda fundamental, que as religiões ocupam nos modos de pensar, sentir e agir dos brasileiros, orientando-os nos modos como experienciam os gêneros e suas identidades. Consta-se um sistema de representações sociais que se objetiva na imagem da mulher-mãe, forte, bela e dotada de qualidades que reforçam os estereótipos de gênero. De forma semelhante, os homens são representados como pais e pecadores, além de ligados a papéis tidos como masculinos, como trabalho e proteção. Os sistemas de representações sociais se assemelham, sejam entre homens e mulheres, assim como nos grupos de estudantes com e sem religião.

#### Autor para correspondência:

Alberto Mesaque Martins

#### E-mail:

albertomesaque@yahoo.com.nbr

#### Declaração de Interesses:

Os autores certificam que não têm nenhum interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em conexão com o manuscrito.

#### Authors' Contributions:

<sup>1, 2, 3</sup> Conceptualization

<sup>1, 2, 3</sup> Data collect

<sup>1, 2, 3</sup> Analysis

<sup>1, 2, 3</sup> Writing and Editing

**Palavras-chave:** Gênero; Religião; Representação Social; Psicologia Social da Religião.

Research highlights the relevance of religious beliefs and practices in the formation of ideas about the fathers of men and women, as well as to explain the particularities between the genres. This study seeks to identify and analyze the social representations of men and women for religious universities. This is a descriptive and exploratory study that involves the participation of 561 students, enrolled in graduate courses, from all regions of Brazil, selected randomly and unintentionally, responding to a virtual form, with 48 questions and submetidos. à Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), the terms used in this study being: “Mulher” and “Homem”. It was also a division of two dice, between religious universities, separating men and women, and universities without self-denomination of religion, containing both sexes. The results point to the role, even fundamental, that religions occupy the ways of thinking, feeling and acting of Brazilians, guiding the ways in which we experience genders and their identities. There is a system of social representations that is objective in the image of women, strong, beautiful and endowed with qualities that reinforce gender stereotypes. Similarly, men are represented as countries and sinners, as well as linked to fathers labeled as masculine, as work and protection. The systems of social representation are established between men and women, as well as groups of students with no religion.

**Keywords:** Gender. Religion. Social Representation. Social Psychology of Religion.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul, Brasil.

<sup>4</sup> Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul, Brasil.

## INTRODUÇÃO

As religiões, enquanto fenômenos históricos e culturais, encontram-se fortemente relacionadas à história da própria humanidade e de suas civilizações (Moscovici, 2011; Paiva, 2017). Assim, a história humana, ao longo dos séculos, é conjugada, em grande parte, junto aos ritos e às práticas religiosas, refletindo em diversas produções sociais como a literatura, o teatro, a música, as pinturas, as práticas de saúde e de cura, dentre outros (Moscovici, 2011; Paiva, 2017). Ao retomar a etimologia da palavra religião, constata-se que sua derivação advém da palavra latina “religare”, composta pelos termos “re” (intensificador da palavra que a sucede) e ligare (unir), possibilitando compreender a palavra como um ligar de novo, indicando a reconexão dos humanos com o sagrado ou sobrenatural (Jodelet, 2013; Paiva, 2017).

Estudos chamam a atenção para a necessidade de se considerar a amplitude do conceito de religião e, de certo modo, a complexidade da compreensão de sua representação dentro do contexto social (Moscovici, 2011; Paiva, 2017). Para Coutinho (2012) as religiões se expressam através de três hemisférios: o substantivo, que concebe a religião como um sistema de crenças, que englobam práticas, valores e, conseqüentemente, a organização; o funcional, que inclui os elementos pelos quais a religiosidade pode proporcionar estímulos, bem como tranquilidade, experiência e outros aspectos e, o sagrado que, por sua vez, corresponde à espiritualidade, à ideologia e à magia, reunindo aspectos que estão mais interligados ao sobrenatural.

No Brasil, segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012), no ano de 2010, apenas 8% da população afirma não possuir religião, enquanto 65% da população predominantemente se considera católicos romanos e 13,4% se consideram evangélicos pentecostais/neopentecostais. Tendo em vista os dados do IBGE, compreendemos que o Brasil é detentor de extrema presença dos aspectos religiosos dentro do contexto social. Diversos estudos vêm chamando a atenção para a influência da religiosidade nos modos de pensar, sentir e agir dos brasileiros, sobre diversos temas (Cavalcante; Pinezi, 2014; Martins, 2019). Nessa vertente, a religiosidade vem sendo apontada como um elemento importante para a tomada de decisão dos eleitores, para posicionamentos em relação às pautas da legalização do aborto e das substâncias psicoativas e, ainda, delineiam diferentes modos de alimentação, lazer e cuidados com a saúde (Martins, 2019; Martins; Nascimento, 2022).

Ademais, outros estudos vêm constatando diferenças importantes nos modos como os homens e mulheres exercitam suas religiosidades, revelando marcas do processo de construção social das masculinidades e das feminilidades (Martins, 2019; Martins; Nascimento, 2020; Rosado-Nunes, 2017). Diversas pesquisas abordam as particularidades do campo religioso, destacando a relevância das crenças e práticas religiosas na formação das ideias sobre os papéis de homens e mulheres, assim como para explicação das diferenças e desigualdades entre os gêneros (Martins, 2019;

Martins; Nascimento, 2022; Rosas, 2015). Tais estudos revelam que as instituições religiosas têm influência na criação e disseminação de representações e normas que guiam os fiéis em suas identidades masculinas e femininas (Rosado-Nunes, 2005; Lemos, 2007; ECCO, 2008; Lemos, 2011; Rosas, 2015).

Vale destacar que, apesar das transformações no cenário religioso brasileiro, em um contexto hegemonicamente influenciado pelo cristianismo, as religiões ainda configuram-se como espaços de desigualdades entre homens e mulheres (Martins, 2019). Nessa vertente, ainda é recorrente que as lideranças dessas instituições sejam exercidas, em sua maioria, por homens, cabendo às mulheres papéis subalternos, além do cuidado com a ornamentação e limpeza desses espaços (Rosado-Nunes, 2017). Ademais, estudos vêm constatando que, ainda hoje, predominam representações sociais de Deus como uma figura masculina, caracterizada por atributos que enfatizam sua virilidade e masculinidade, como força física, coragem e o papel de pai, protetor e provedor da humanidade (Amorim et al., 2023; Candiotto, 2021). Em contraste, enquanto a imagem de Deus está associada ao masculino, a do Diabo e do pecado têm sido representadas como pertencentes ao domínio do feminino (Candiotto, 2021; Lemos, 2007).

Considerando aspectos sociais, Louro (2008) compreende que, quando ligado aos elementos associados à sexualidade, o gênero abrange um campo de construção do indivíduo e de sua subjetividade. Nesse sentido, é preciso reconhecer que a sociedade se encontra fundamentada na divisão sexual, delineando expectativas e normas sobre os comportamentos de homens e mulheres. Em uma sociedade machista e patriarcal, como a brasileira, recorrentemente as diferenças entre os gêneros são transformadas em instrumentos de desigualdades sociais, pautadas na suposta superioridade dos homens sobre as mulheres, refletindo em violências e preconceitos. Esse processo também tem efeitos importantes no campo religioso (Connel; Messerschmidt, 2013; Morais, 2020).

Cavalcante e Pinezi (2014) conduziram uma análise sobre a construção da identidade de rapazes evangélicos neo pentecostais e espíritas kardecistas e destacaram que, em ambos os contextos religiosos, o grupo contribui para uma nova forma de categorização do mundo, fundamentada nas noções de sagrado e profano. Essa mudança exige que os indivíduos adotem uma nova mentalidade e comportamento, além de negociar sua masculinidade com sua identidade religiosa, buscando consolidar sua posição na sociedade (Cavalcante; Pinezi, 2014). Em ambas as vertentes religiosas, identificou-se uma visão de gênero e masculinidade baseada na biologia, o que naturaliza as diferenças entre os sexos e enaltece a superioridade dos homens sobre as mulheres (Connel; Messerschmidt, 2013; Cavalcante; Pinezi, 2014).

Outros estudos apontam que a experiência de conversão ao neopentecostalismo – uma das vertentes cristãs com maior crescimento nas últimas décadas, no Brasil – difere entre homens e mulheres, refletindo influências sobre como esses sujeitos concebem e vivenciam suas masculinidades e feminilidades. Nesse sentido, enquanto as mulheres aderem ao neopentecostalismo em momentos de conflitos familiares e

necessidades materiais, os homens se convertem a esse movimento em situações que ameaçam a identidade masculina e o padrão de masculinidade dominante, como dificuldades financeiras, desemprego e problemas de saúde (Machado, 2005; Machado, 2012; Martins, 2019)

Nessa perspectiva, esse estudo tem como objetivo identificar e analisar as representações sociais de homem e mulher para universitários religiosos. Para tal, apoiou-se na abordagem estrutural das representações sociais, que as compreende como “uma visão funcional do mundo que permite ao indivíduo ou ao grupo dar sentido às suas condutas, e entender a realidade mediante seu próprio sistema de referências e adaptar e definir, deste modo, um lugar para si” (Abric, 2001, p. 13). Essa visão funcional é estruturalmente constituída por um núcleo central e um sistema periférico. Enquanto o núcleo central determina o significado e a organização da representação, armazenando os elementos mais consensuais e estáveis, o sistema periférico reúne os elementos menos estáveis, flexíveis e práticos os quais entornam e protegem o núcleo central (Abric, 2001; Moliner; Abric, 2015).

Assim, o núcleo central e o sistema periférico exercem funções distintas. Em se tratando do núcleo central, suas funções são: geradora – modulando o significado de todos os elementos formadores de uma representação; organizadora – determina o sentido das conexões entre os elementos de uma dada representação social; e estabilizadora – dá estabilidade à representação na medida em que engloba os elementos mais consensuais e abstratos. Já o sistema periférico é responsável por concretizar os elementos centrais da representação social através de elementos situacionais, regulá-los flexivelmente adaptando a representação às mudanças contextuais e defender os elementos centrais contra eventuais modificações (Moliner; Abric, 2015).

## MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório que contou com a participação de 561 estudantes universitários de ambos os sexos, matriculados em diferentes cursos de graduação, provenientes de diversas regiões do Brasil. Os participantes foram selecionados por meio de amostragem de conveniência e receberam convites através de postagens em grupos de redes sociais voltados ao público universitário. Os critérios de seleção exigiam que os participantes tivessem mais de 18 anos, estivessem cursando graduação em qualquer área do conhecimento e aceitassem o convite de participação. Foram excluídas 38 respostas de estudantes de outros níveis de ensino (ensino médio, técnico, pós-graduação) e outras quatro respostas de menores de 18 anos, por não atenderem aos critérios de inclusão mencionados anteriormente.

Foi criado um formulário virtual com 48 perguntas, utilizando o *Google Forms*, o qual foi autoadministrado pelos participantes entre outubro de 2018 e fevereiro de 2019. A primeira parte do questionário abordava questões relacionadas ao perfil sociodemográfico dos participantes, incluindo gênero, idade, raça/cor, estado civil, entre

outros. Em seguida, os participantes responderam a um conjunto de perguntas sobre suas práticas religiosas, como filiação a grupos específicos, frequência em cultos e cerimônias, entre outros aspectos. Na terceira e última parte do formulário, foi utilizada a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), na qual os participantes foram convidados a escrever as palavras e expressões que lhes vinham à mente a partir da apresentação de termos indutores, sendo os termos utilizados neste estudo: “Mulher” e “Homem”.

Para a construção do perfil sociodemográfico e caracterização religiosa dos entrevistados, foram realizadas análises de estatística descritiva com a utilização do software R-studio. Em geral, 72,72% (408) se autodenominavam pertencentes a alguma religião. A maioria se autodeclarou evangélica (41,66%) ou católica (35,53%). Em menor quantidade, o restante dos participantes se autodenominou principalmente como espírita (9,55%), umbandista e candomblecista (4,41%), Daimista/Ayahwasqueiro (2,94%) e adventista do Sétimo dia (2,20%). Dentre os participantes sem auto denominação religiosa (27,27%), a maioria se considerava sem religião (47,05%), e o restante se autodeclarou ateu (28,10%), agnóstico (20,91%) ou apenas espiritualizado (3,92%).

Já para a análise dos dados obtidos através da TALP, foi utilizado o software Interface de *R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ), que permite a análise de grandes volumes de texto. As evocações iniciais foram minimamente manipuladas, isto é, só foram realizadas correções ortográficas e formatação de expressões para análise prototípica. A análise prototípica é uma estratégia para explorar a estrutura das Representações Sociais (RS), considerando a frequência e a ordem média de evocação das palavras. Palavras com alta frequência e baixa ordem média de evocação são apresentadas no primeiro quadrante, indicando os prováveis elementos centrais da RS. Palavras nos outros quadrantes sugerem possíveis elementos do sistema periférico da representação, sendo que a primeira periferia (quadrante superior direito) contém palavras com alta frequência e maior ordem média, o terceiro quadrante (inferior esquerdo) é a zona de contraste com elementos de baixa frequência e baixa ordem média de evocação, e o quarto e último quadrante (inferior direito) contém a segunda periferia com elementos de menor frequência e maior ordem média de evocação.

Num primeiro momento, a amostra foi dividida por sexo e autodenominação religiosa. Esse mesmo procedimento, entretanto, não pode ser feito em relação aos participantes sem auto denominação religiosa, em razão da necessidade de manter uma amostra de no mínimo 100 sujeitos. Para análise prototípica, a literatura desencoraja o estudo com número de participantes inferior a esse valor (Wachelke & Wolter; Matos, 2016). Assim, num segundo momento, a análise das evocações de universitários sem auto denominação religiosa (27,27%) contou com uma amostra com indivíduos de ambos os sexos.

Os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e deram o seu consentimento ao assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, disponibilizado na primeira página do formulário virtual. O projeto de pesquisa foi submetido a avaliação e recebeu parecer favorável de um Comitê de Ética em Pesquisa



com Seres Humanos, sob o número de protocolo [informação suprimida para preservar a privacidade dos autores].

## RESULTADOS

### Representações Sociais de Mulher

Entre os participantes que autodeclararam seguir uma religião, dois corpora foram gerados através do termo indutor “mulher”, contendo 1363 evocações femininas e 461 masculinas. Devido a diferença entre esses corpora, para as mulheres, a frequência mínima considerada para inclusão nos quadrantes (tabela 1) foi sete, e para os homens, quatro (tabela 2). Conforme pode ser observado nas tabelas 1 e 2, em relação ao termo indutor “Mulher”, os elementos principais do primeiro quadrante são “amor”, “mãe” e “força”, que aparecem em destaque tanto para indivíduos do sexo masculino quanto feminino. No caso das mulheres, outros cognemas surgem como candidatos ao núcleo central – “guerreira”, “forte” e “luta”. Mas levando em conta que uma lematização ou agrupamento semântico seria possível entre “força” e “forte”, deve haver pouca diferença entre as duas representações sociais. Na tabela 2, o fato de “forte” estar presente na segunda periferia, reforça essa dedução.

Para os homens, esses mesmos cognemas aparecem na primeira (“guerreira”) e segunda periferias (“luta”). Em ambas as tabelas, a primeira periferia traz a palavra “beleza”. Para as mulheres se trata do primeiro elemento desse quadrante. Já para os homens, o primeiro é “amor”, com frequência (20) e OME (2,9) altas.

A zona de contraste, por sua vez, à exceção de “pecadora” e “criação”, apresenta elementos distintos para os indivíduos dos sexos masculino e feminino. Começando pelas mulheres, os elementos de destaque são “filha”, “delicadeza”, “coragem”, “inteligência” e “auxiliadora”, que podem conter em si uma contradição semântica a ser questionada. Já para os homens, os elementos distintos são “criatura”, “falha”, “ser” e “esposa”.

Ademais, embora com posições diferentes, o quarto quadrante de ambas as RS, traz como elementos comuns “família”, “amiga”, “vida”, “feminismo” e “companheira”. Em geral, a periferia das mulheres comporta mais cognemas diferentes. Como “carinho” também aparece dentre as evocações femininas – na primeira periferia –, em tese somente o termo “amizade” seria diferente. Mas, novamente, esse papel pode estar representado na segunda periferia dos homens sob o termo “amiga”. Para as mulheres, dentre outros termos que não fazem parte das evocações masculinas, cabe destacar “sabedoria”, “cuidado”, “resistência”, “sensível”, “esperança” e “trabalho”.

Em se tratando das evocações da amostra sem auto denominação religiosa (Tabela 3), há poucas palavras diferentes. Aqui o corpus analisado conteve 681 evocações e a frequência mínima respectivamente considerada foi cinco. A maior parte das evocações difere apenas da posição e ordem em que aparecem nos quadrantes. No primeiro quadrante, por exemplo, os elementos “força” e “mãe” aparecem como prováveis constituintes do núcleo central. Contudo, são mais centrais os cognemas “luta”

– mais central para mulheres e mais periférico para homens com autodenominação religiosa – e “feminismo” – mais distante da zona central para ambos os sexos na amostra religiosa. Diferentemente da tabela 1, “resistência” também surge em outra posição, isto é, na primeira periferia. Já na zona de contraste, o elemento incomum é apenas “sofrimento”. Finalmente, as evocações distintas são “resiliência”, “sociedade”, “evolução”, “proteção”, “injustiçada” e “afeto”.

É preciso destacar que, em ambos os grupos, os quadrantes, em sua maioria, foram compostos por cognemas que descrevem qualidades socialmente reconhecidas como positivas e aceitáveis, e que reforçam estereótipos de gênero. Nesse sentido, para o grupo investigado o sistema de representações sociais é constituído por qualidades atribuídas às mulheres (eg. força, beleza, delicadeza, etc.), assim como por expectativas de papéis sociais (eg. mãe, cuidado).

**Tabela 1** - Frequência e ordem média da evocação (OME) para o termo indutor “mulher” para mulheres universitárias (N = 305).

	OME < 2,75			OME ≥ 2,75			
	Evocações	f	OME	Evocações	f	OME	
F R E Q U Ê N C I A	≥ 18,87	Amor	75	2,6	Beleza	25	3,3
		Mãe	68	2,3	Carinho	23	3
		Força	59	2,3			
		Guerreira	40	2,4			
		Forte	35	2,7			
		Luta	27	2,7			
	< 18,87	Filha	12	7	Sabedoria	16	3,2
		Delicadeza	10	1,6	Cuidado	15	3,5
		Coragem	9	2,6	Família	14	3
		Inteligência	8	2,4	Resistência	13	2,8
		Pecadora	7	2,1	Amiga	13	3,8
		Auxiliadora	7	2,1	Vida	13	3,5
		Criação	7	2,3	Fé	11	3,4
					Feminismo	11	3,2
					Sensível	10	3,1
					Amizade	10	3,2
					Esperança	9	4,1
					Companheira	9	3,4
					Sensibilidade	8	3
					Fortaleza	7	3,4
					Sábida	7	2,9
					Trabalho	7	3

Nota: número total de palavras = 1363; número de palavras diferentes = 347.

Fonte: dados da pesquisa.

**Tabela 2** - Frequência e ordem média da evocação (OME) para o termo indutor “mulher” para homens universitários (N = 103).

		OME < 2,61		OME ≥ 2,61			
		Evocações	f	OME	Evocações	f	OME
F R E Q U Ê N C I A	≥ 7,67	Mãe	19	2	Amor	20	2,9
		Força	17	2,2	Beleza	10	2,8
		Respeito	9	2,2	guerreira	8	3
	< 7,67	Pecadora	6	1,8	Companheira	7	3,7
		Criatura	5	2,2	Luta	7	3
		Falha	5	1	Carinho	7	2,9
		Criação	4	2,2	Amizade	6	3,2
		Ser	4	1	Vida	5	3,8
		Esposa	4	2	Feminismo	5	3,2
					Forte	5	4
				Amiga	4	4,5	
				Família	4	2,8	

Nota: número total de palavras = 461; número de palavras diferentes = 162.

Fonte: dados da pesquisa.

**Tabela 3** - Frequência e ordem média da evocação (OME) para o termo indutor “mulher” para universitários sem autodenominação religiosa (N = 153).

		OME < 2,91		OME ≥ 2,91			
		Evocações	f	OME	Evocações	f	OME
F R E Q U Ê N C I A	≥ 11,43	Força	43	2,6	Amor	20	3,3
		Mãe	24	2,5	Vida	16	3,1
		Luta	20	2,9	Resistência	12	3,1
		Feminismo	17	2,4			
		Forte	15	2,1			
	< 11,43	Guerreira	11	2,6	Beleza	11	3,1
		Respeito	6	2,7	Resiliência	8	3,6
		Carinho	6	2,7	Sociedade	7	3
		Sofrimento	5	2,8	Coragem	6	3,5
					Evolução	6	4
				Proteção	5	3,6	
				Injustiçada	5	3	
				Sabedoria	5	3,6	
				Cuidado	5	3,6	
				Trabalho	5	3,6	
				Afeto	5	4,2	

Nota: número total de palavras = 681; número de palavras diferentes = 296.

Fonte: dados da pesquisa.

### Representações Sociais de Homem

Conforme visto nas tabelas 4 e 5, tanto os homens como as mulheres apresentam os elementos “pai” e “pecador” no primeiro quadrante diante do termo indutor “Homem”. Para o sexo feminino, entretanto, há o elemento “machismo” aparecendo em quarto lugar, enquanto para o sexo masculino há o elemento “criatura”. O termo “força” também ocupa uma posição diferenciada. Se para as mulheres, ele é provavelmente mais central, para os homens, aparece como elemento periférico em franca contradição com



o cognema “fraca” – com menor OME (3 vs. 2,5). Já o segundo quadrante das duas tabelas apresenta os elementos comuns “amor”, “trabalho” e “vida”. Enquanto que para as mulheres o elemento distinto é “provedor”, para os homens uma evocação diferente que aparece na primeira periferia é “fraco”.

Na zona de contraste, à exceção de “evolução”, nenhum outro termo é comum nas duas tabelas. Para as mulheres, dentre os cognemas que nem sequer aparecem em outros quadrantes, há “proteção”, “irmão”, “ser humano”, “pecado”, “mal”, “mulher” e “humanidade”. Em se tratando dos homens, as evocações diferentes são “ser”, “humano”, “inteligência”, “ódio”, “sociedade” e “escolhas”.

Na segunda periferia, por fim, somente o termo “inteligente” compõe esse quadrante nas duas tabelas. Outros termos como “filho” e “família”, apesar de serem comuns em ambas tabelas, estão organizados em quadrantes diferentes. É digno de nota que “machismo” é mais central para as mulheres (Tabela 4) e mais periférico para os homens (Tabela 5). Para as mulheres, dentre as palavras diferentes, há “esperança”, “maldade”, “amizade”, “trabalhador”, “medo”, “segurança”, “sexo” e “poder”. Cabe destacar que muitos desses cognemas parecem contraditórios. Já para os homens, as evocações distintas foram “luta”, “honestidade”, “lutador”, “bom” e “capacidade”.

Quanto à amostra sem auto denominação religiosa, o corpus conteve 681 evocações cuja frequência mínima considerada para aparecer nos quadrantes foi cinco. Como mostra a tabela 6, apesar de poucos termos serem incomuns em comparação com as tabelas anteriores para o termo indutor homem, a distribuição dos cognemas apresenta diferenças consideráveis. Se nas outras tabelas, “machismo” era relativamente central (tabela 4) ou mesmo periférico (tabela 5), aqui se torna o primeiro elemento da zona central. Embora os termos “força”, “amor” e “trabalho” apareçam nos mesmos quadrantes em relação às tabelas anteriores, nas zonas de contraste e segunda periferia, surgem como cognemas novos dignos de destaque “patriacardo” e “frágil” respectivamente.

**Tabela 4** - Frequência e ordem média da evocação (OME) para o termo indutor “Homem” para mulheres universitárias (N = 305).

OME < 2,63				OME ≥ 2,63			
	Evocações	f	OME	Evocações	f	OME	
F R E Q U Ê N C I A	≥ 13,68	Força	41	2,6	Amor	34	2,9
		Pai	37	2,6	Trabalho	18	2,6
		Forte	26	2,6	Provedor	17	3,2
		Machismo	24	2,1	Vida	15	3,3
		Humano	23	1,7	Família	14	3,5
		Pecador	16	2,1			
		Protetor	14	2,6			
	< 13,68	Proteção	11	2,4	Filho	13	3,2
		Irmão	10	2,5	Esperança	13	3,1
		Criatura	9	1,4	Fé	9	3,4
		Ser_humano	9	1,3	Maldade	9	2,9
		Pecado	7	1,4	Inteligente	8	3,1
		Mal	7	2,6	Amizade	8	3
		Mulher	7	1,9	Amigo	8	3
	humanidade	7	2,3	Trabalhador	8	2,8	
	Falho	7	1,7	Medo	8	4	
	evolução	7	2,1	Segurança	7	3,3	
				Sexo	7	3,1	
				poder	7	3,4	

Nota: número total de palavras = 1326; número de palavras diferentes = 428. **Fonte:** dados da pesquisa.

**Tabela 5** - Frequência e ordem média da evocação (OME) para o termo indutor “Homem” para homens universitários (N = 103).

OME < 2,47				OME ≥ 2,47			
	Evocações	f	OME	Evocações	f	OME	
F R E Q U Ê N C I A	≥ 5,18	Pecador	14	1,9	Trabalho	7	3
		Pai	10	2,3	Fraco	7	3,3
		Falho	8	1,4	Vida	6	3,3
		Criatura	7	1,9	Amor	6	2,5
		Criação	6	2	Filho	6	2,5
					Força	6	2,5
	< 5,18	Ser	5	1	Inteligente	5	3
		Evolução	4	2,2	Machismo	4	2,3
		Humano	4	1,8	Luta	4	4
		Inteligência	4	2	Honestidade	3	2,7
		Ódio	3	2,3	Lutador	3	3,7
		Sociedade	3	2,3	Bom	3	3
		Amizade	3	2	Família	3	2,7
		Escolhas	3	2,3	Capacidade	3	3

Nota: número total de palavras = 448; número de palavras diferentes = 210. **Fonte:** dados da pesquisa.

**Tabela 6** - Frequência e ordem média da evocação (OME) para o termo indutor “homem” para universitários de ambos os sexos sem autodenominação religiosa (N = 153).

		OME < 2,65		OME ≥ 2,65			
		Evocações	f	OME	Evocações	f	OME
F R E Q U Ê N C I A	≥ 7,27	Machismo	15	2,3	Amor	11	3,2
		Força	11	2,4	Sociedade	10	3,6
		vida	8	2,2	Maldade	10	2,8
					Trabalho	9	3,3
	< 7,27	Animal	7	1,4	Frágil	6	3,2
		Ser_humano	6	1,5	Inteligência	6	2,8
		Forte	6	1,8	Pai	6	2,7
		Poder	6	1,8	Evolução	6	3,7
		Sexo	5	2,6	Bondade	6	3
		Mal	5	2,2	Ganância	6	4
	Patriarcado complexo	5	1,8	medo	5	3,2	
		5	2				

Nota: número total de palavras = 681; número de palavras diferentes = 296. **Fonte:** dados da pesquisa.

## DISCUSSÃO

Com relação ao núcleo central da representação social de mulher, as palavras mais evocadas foram “força” e “mãe”, tanto para as mulheres, quanto para os homens participantes. Essas representações sociais refletem uma sociedade machista e patriarcal que, ainda hoje, apesar das diversas transformações nas relações de gênero, atribuem às mulheres o papel materno como destino social e biológico (Louro, 2008). Historicamente, a maternidade vem sendo imposta às mulheres como principal atributo da sua feminilidade, de modo que as mulheres que não podem ou desejam não gerar filhos, rompem com as normas de gênero e passam a ser estigmatizadas (Serpa; Oliveira; Medeiros, 2023; Vásquez, 2014).

No campo religioso, especialmente o judaico-cristão, como é o caso da presente investigação, a centralidade da maternidade nas representações sociais de mulher, também se encontra ancorada nas crenças religiosas, difundidas e compartilhadas entre fiéis e lideranças das instituições religiosas (Martins; Nascimento, 2022). Analisando as representações sociais de família de uma revista católica brasileira, intitulada Revista Família Cristã, Vasconcellos, Santos e Almeida (2020) constataram a centralidade da imagem da mulher mãe-esposa que, inspirada na imagem da Virgem Maria, renúncia os seus próprios prazeres e age de forma abnegada pela manutenção dos cuidados afetivos com o casamento e com a família. Essa imagem se contrapõe à de Eva, personagem bíblica que representa a primeira mulher que infringe as normas divinas e

engana o seu companheiro, comendo o fruto proibido, capaz de produzir o discernimento entre o bem e o mal.

Em outro estudo, desenvolvido por Santos e Bartilotti (2020), observou-se que, para a tradição judaico-cristã, a maternidade é considerada como um dos principais atributos femininos, sendo percebida como “algo divino”. Já na pesquisa desenvolvida por Souza (2017), que investigou as representações de gênero na literatura evangélica, constatou-se que, entre esse grupo, a identidade feminina é reconhecida e atestada, obrigatoriamente, por meio da maternidade e do casamento. Nessa perspectiva, Vásquez (2014) ressalta que:

o campo religioso católico construiu práticas discursivas a respeito da maternidade idealizada, de uma maternidade artificial e até inatingível, visto que a mácula do pecado original e do ato sexual, estão presentes nas demais mães do mundo, a exceção de Maria. Desta forma, para diminuir a “culpa” da luxúria do ato sexual caberia a mulher ser uma boa mãe, ou seja, colocar a criança em primeiro lugar na sua vida, ser recatada, ser generosa, ser compreensiva e sofrer calada. Eis o ideal cristão de maternidade que deveria ser o norte das mulheres em geral (VÁSQUEZ, 2014, p. 170).

Resultados semelhantes também vêm sendo observados em diferentes matrizes religiosas que compõem o contexto brasileiro (Barros & Bairrão, 2015; Queiroga & Nascimento, 2019). Em outro estudo, no contexto das religiões de matrizes africanas, Queiroga e Nascimento (2019) identificaram que Yemanjá, uma orixá feminina, também possui a maternidade como elemento central das representações sociais, se aproximando da imagem construída pelo catolicismo de uma mãe bela e santa, que cuida de forma amorosa de seus filhos. Na mesma direção, analisando as performances de gênero na umbanda, Barros e Bairrão (2015) constataram mudanças na representação de uma das suas principais entidades: a pomba-gira que, historicamente, vinha sendo associada às mulheres que rompiam com as normas e estereótipos de gênero. Segundo os autores, nos últimos anos, vem se constituindo uma imagem de uma nova pomba-gira, cada vez menos associada à sexualidade e à liberdade, passando a ser reconhecida como uma mãe que auxilia as mulheres na manutenção dos seus casamentos e da sua fertilidade.

Como era esperado entre os participantes religiosos, o termo “pecadora” apareceu como destaque entre os homens, isso porque remete à personagem de Eva da Bíblia, a primeira transgressora, uma mulher pecadora que levou Adão, seu parceiro, a desobedecer a Deus, logo se tornando pecador também (Silva, 2011, p.37). O homem, que antes era puro, tornou-se impuro por conta da mulher pecadora, que mesmo sendo criada a partir de suas costelas, levou-o a experimentar o prazer da carne (Silva, 2011, p.49).

Também se destaca o termo “beleza” presente em todas as representações. Segundo dados da Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC, 2021), o setor de beleza teve um crescimento significativo de 5,8% em 2020, e a tendência é que esse número cresça ainda mais. De acordo com Novaes (2006), nesse setor, as mulheres são as maiores consumidoras, visto que a sua

beleza é baseada no uso de produtos e de procedimentos estéticos, investindo tempo e dinheiro para se tornar bela, pois, caso não cuide de sua beleza, sua imagem pode ser criticada (Nascimento & Da Silva, 2014). Outros estudos indicam que, ainda hoje, as mulheres são mais cobradas com relação à estética e à beleza do que os homens, levando esse grupo a se ocupar de práticas e procedimentos que escondam os sinais do envelhecimento e se apresentem da forma mais jovial e bela possível à sociedade (Castro et al., 2016; Justo & Camargo, 2013).

Por outro lado, a centralidade de termos como “força”, “luta” e “feminismo”, parece refletir as lutas das mulheres e dos movimentos sociais para a transformação das suas representações e dos seus papéis sociais. É importante destacar que, apesar das conquistas de direitos importantes, as mulheres brasileiras ainda se deparam com a necessidade de conciliar uma dupla jornada, incluindo as atividades de trabalho, sem abdicar das tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos. Além disso, as mulheres precisam de maior esforço para superar os preconceitos de gênero e serem reconhecidas como profissionais, especialmente em um contexto que as sexualiza e submete, mesmo quando mais qualificadas que os homens. Desse modo, sobretudo nos últimos anos, a força e resistência femininas vem sendo enaltecidas nos discursos sociais, oferecendo elementos de ancoragem para as representações sociais aqui identificadas.

Na zona de contraste, entre as mulheres, os termos mais evocados foram “filha” e “delicadeza”, e entre os homens, o elemento “pecadora”. Via de regra, a zona de contraste é integrada por respostas minoritárias que podem ser apenas complementos da primeira periferia ou indícios da existência de um subgrupo que valoriza elementos diferentes da maioria (Wachelcke et al., 2011). Considerando os termos evocados pelos homens na primeira periferia, os cognemas da zona de contraste parecem complementares. O mesmo é válido para o grupo sem autodenominação religiosa (tabela 3). Já para as mulheres, os cognemas “pecadora” e “auxiliadora” parecem destoar das evocações da primeira periferia, evidenciando a valorização socialmente desigual que o trabalho – termo que não aparece em nenhum quadrante masculino – feminino ainda mantém. Esse padrão está de acordo com o estudo que investigou a representação social do trabalho feminino para homens casados (Nascimento, Gianordoli-Nascimento & Trindade, 2008). No estudo, o trabalho feminino, visto como acessório, não alterava as atribuições relativas aos papéis tradicionais de mãe, esposa e dona de casa.

Com relação ao núcleo central da representação social de homem, os termos mais frequentes foram “força” e “pai” em ambos os sexos. Analisando as representações sociais de masculinidade entre um grupo de meninos estudantes do ensino médio de Pernambuco, Almeida (2022) também identificou a força como um elemento central desse sistema de representações. Cabe ressaltar que, historicamente, os homens vêm sendo reconhecidos como supostamente mais fortes do que as mulheres, sendo atribuídos a eles tarefas, como as funções militares, os trabalhos braçais, etc. Contudo, é preciso reconhecer que essas representações não dizem respeito apenas à força

física, atestada por meio de músculos e de um corpo viril, mas também remete a uma suposta resiliência desses indivíduos para lidar com desafios e conquistas (Martins & Nascimento, 2020).

A representação social de “pai” vinculada ao homem, mostra que a paternidade faz parte da identidade do ser masculino, “o ser pai é um papel socialmente produzido e reproduzido no enfoque do paternalismo dominante ainda nos dias atuais” (Freitas et al., 2009, p.88). De acordo com Braide et al. (2018, p.4), “se, por um lado, a paternidade reafirma a virilidade do homem, por outro é a capacidade de sustentá-los e mantê-los que consolida a força moral masculina.” Portanto, a identidade masculina está relacionada à identidade de pai, visto que o papel do pai é sustentado pela imagem masculinizada de um homem forte, provedor de sua família (Freitas et al., 2009, p.88).

Elementos como “provedor” e “sociedade” são as representações sociais mais frequentes entre as mulheres e homens na segunda periferia, respectivamente. De acordo com Joshi (2009), desde muito tempo tem-se a ideia de que a masculinidade do homem é definida pela noção de independência e autonomia, resultando em um homem provedor do lar, que trabalha para ganhar dinheiro a fim de sustentar sua família. As mulheres por muito tempo não tiveram seu trabalho reconhecido, permanecendo como donas de casa, e quando trabalhavam ganhavam menos do que os homens (Joshi, 2009), o que pode ajudar a explicar a persistência do papel de provedor na representação social elaborada pelas mulheres.

Chama atenção que, o cognema “provedor” ocupa a terceira posição na primeira periferia para as mulheres religiosas, logo após “trabalho”. Já nas evocações dos homens religiosos e do grupo sem autodenominação religiosa, aparece apenas o termo “trabalho”. Como “trabalho” está ausente nos quadrantes masculinos e parece muito menos central nas outras tabelas, essa pode ser uma sutil evidência de que trabalhar e ser provedor continua sendo um aspecto considerado socialmente determinante na identidade masculina.

É preciso destacar que, para os homens, a palavra “pecador” foi a mais evocada, o que pode ser um reflexo da religião dos participantes. Além disso, considerando que a língua portuguesa, atravessada pelas questões de gênero, também utiliza o termo homem como sinônimo de humano, é possível que essas evocações não se restrinjam às pessoas do gênero masculino e também correspondam aos seres humanos de modo geral. Isso porque, de acordo com Amaral (2017, p.12), o homem é o oposto de Deus, portanto, se Deus é santo, o homem é pecador e imperfeito.

Por outro lado, a centralidade da imagem do pecador, no núcleo central das representações sociais de homem, parece refletir as diferentes expectativas sociais em relação aos gêneros, que ainda se mostram mais flexíveis ao gênero masculino. Em uma sociedade machista e patriarcal, como a brasileira, o sexo, a violência, o uso de substâncias psicoativas são reconhecidos como atributos do universo masculino. Considerando que a maior parte da amostra se constituiu de pessoas cristãs, é possível que os entrevistados reconheçam que essas práticas, tidas como profanas e, portanto, pecaminosas, façam parte do universo masculino, reafirmando a ideia do homem como



pecador. Nessa direção, estudos apontam para singularidades de gênero na vida religiosa de homens e mulheres (Martins, 2019; Martins; Nascimento, 2021). Conforme destaca Martins (2019), os homens recorrem às instituições e às práticas religiosas em situações onde já não conseguem manter o modelo de masculinidade hegemônica, ao mesmo tempo que as mulheres são pressionadas a se envolverem em práticas que atestam a sua santidade e pureza.

Outro elemento de cunho religioso que aparece na zona central é “criação”. O termo parece remeter à crença de que homem foi criado por Deus, feito à sua imagem e semelhança, ou seja, um modelo representativo do divino (Souza, 2009). Na cosmologia cristã, o homem é um ser criado para cuidar das outras criações de Deus, visto que Deus criou o universo e tudo que nele existe (Souza, 2009). Sendo assim, o homem também se torna um ser criador, dotado de criatividade, de forma que sua criação surge na imaginação e, se concretizado, pode se tornar algo real (Oliveira & Lima, 2017).

Na primeira periferia, encontram-se palavras como “amor” e “trabalho” como representações sociais mais frequentes de homem. O elemento “trabalho” revela que, ainda hoje, acredita-se que seu principal papel seja o de provedor do lar, exercendo seu trabalho no espaço público, voltado para a produção (Freitas et al., 2009, p.90). Sendo assim, parte da masculinidade do homem é formada pela ideia de homem provedor, que sai de casa todos os dias para trabalhar a fim de receber um salário para sustentar sua família e, por meio dos recursos financeiros, manter o poder e dominação sobre as mulheres (Joshi, 2009, p.149).

Já a centralidade do cognema amor, parece indicar mudanças importantes nas representações sociais de masculinidade, revelando que os papéis tradicionalmente atribuídos aos homens parecem sofrer variações, possibilitando uma maior aproximação afetiva com a família. Embora apareça na segunda periferia para o grupo sem autodenominação religiosa, o termo “frágil” também aponta na mesma direção. No âmbito religioso, diferentes estudos vêm indicando que, após a conversão, sobretudo ao cristianismo, os homens são pressionados a se distanciar do modelo de masculinidade hegemônica e adotarem um novo estilo de vida, com uma valorização da convivência em família, especialmente das esposas e dos filhos, de forma amorosa. Desse modo, nesse contexto, não basta apenas a provisão material, sendo também necessária a construção e fortalecimento de laços afetivos com a família.

Por fim, considerando que a amostra do presente estudo foi composta por estudantes universitários, é preciso chamar a atenção para a força das crenças religiosas que, mesmo em um espaço onde circulam ideias e saberes acadêmicos, ainda permanecem e orientam os modos de pensar, sentir e agir dos estudantes (Martins et al., 2013). Estudos com universitários brasileiros vêm constatando que esses sujeitos mantêm as suas crenças e práticas religiosas, ao longo da sua formação, gerando um contexto onde saberes científicos e religiosos se interrelacionam (Martins & Nascimento, 2022; Nogueira, 2020; Swatowski et al., 2018). Vale lembrar que, historicamente, as universidades foram construídas de forma intimamente ligada às instituições religiosas, sobretudo cristãs, de modo que, nos últimos séculos,

configuram-se como espaço de circulação tanto de crenças religiosas quanto de ideais pautados no método científico (Rubião, 2013).

Cognitivamente, essa reunião de elementos abertamente contraditórios pode ser uma manifestação da polifasia cognitiva. Para Moscovici (2003), assim como a linguagem é polissêmica, o conhecimento tende a ser polifásico, o que significa que “as pessoas são capazes, de fato de usar diferentes modos de pensamento e diferentes representações, de acordo com o grupo específico ao qual pertencem, ao contexto em que estão no momento, etc.” (p. 322).

Ademais, as universidades também vêm adquirindo um papel fundamental no fomento ao debate sobre diversidade e desigualdades de gênero. Contudo, considerando que as religiões estão entre os campos que mais foram impactados pelo feminismo, seja pelas mudanças nas práticas religiosas das mulheres, seja pelo desenvolvimento de novos discursos teológico-feministas (Rosado, 2001), os reflexos desse debate parecem mais salientes entre os participantes sem autodenominação religiosa. Especialmente na representação social de homem pelo grupo não-religioso, o cognema “machismo” é mais central, e o termo “patriarcado” aparece, ainda que na zona de contraste.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados do presente estudo apontam para o papel, ainda fundamental, que as religiões ocupam nos modos de pensar, sentir e agir dos brasileiros, orientando-os nos modos como percebem e experienciam os gêneros e suas identidades. Embora inserida em um contexto marcado pelo conhecimento científico e pela tradição acadêmica, a universidade também se constitui como um espaço onde crenças religiosas são difundidas e atravessam as interações sociais, interconectando o universo científico e o senso comum.

As representações sociais dos universitários participantes refletem uma sociedade que, ainda hoje, apresenta expectativas sociais binárias para homens e mulheres, alicerçadas no machismo e no patriarcado. Nesse sentido, constata-se um sistema de representações sociais que se objetiva na imagem da mulher-mãe, forte, bela e dotada de qualidades que reforçam os estereótipos de gênero. De forma semelhante, os homens são representados como pais e pecadores, além de ligados a papéis tidos como masculinos, como trabalho e proteção. Os sistemas de representações sociais se assemelham, sejam entre homens e mulheres, assim como nos grupos de estudantes com e sem religião.

As principais limitações do estudo estão associadas ao fato de que ele se baseia em uma amostra de conveniência. Portanto, os resultados discutidos aqui devem ser interpretados de maneira cuidadosa ao serem aplicados mais amplamente, tendo em mente as limitações desse tipo de investigação. Além disso, é necessário levar em consideração que o estudo se fundamentou nas informações fornecidas pelos próprios estudantes. Isso também traz uma limitação, já que nem sempre as declarações dos

participantes refletem fielmente suas ações e comportamentos e também podem ser atravessadas pela deseabilidade social.

Futuros estudos poderão realizar investigações que comparem as representações sociais de diferentes grupos religiosos, podendo levantar discussões acerca de como determinadas matrizes religiosas podem contribuir para a manutenção ou rompimento de estereótipos de gênero. Além disso, essas pesquisas também poderão considerar o estudo comparativo de estudantes de diversas áreas do conhecimento, evidenciando diferentes sistemas de representações sociais.

Os dados da presente investigação, revelam a necessidade de se considerar os aspectos relacionados à vida religiosa dos estudantes universitários, recorrentemente negligenciada nos espaços acadêmicos. Espera-se que os resultados dessa investigação contribuam para construção de espaços, nas universidades, para discussão de temas relacionados à religiosidade. Essas intervenções poderão possibilitar a reflexão sobre questões de gênero, auxiliando os estudantes na transformação de seus modos de pensar, contribuindo para uma sociedade menos desigual e patriarcal.

## REFERÊNCIAS

- ABRIC, Jean Claude. *Prácticas sociales y representaciones*. Ambassade de France: CCC IFAL., 2001.
- ALMEIDA, Edson Leandro de. *Representações sociais de masculinidade de estudantes do ensino médio de Pernambuco*. 2022. 195f. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.
- AMARAL, Vitor Rodovalho. O homem como princípio, centro e fim da religião: a essência do cristianismo segundo Ludwig Feuerbach. *Pólemos*, v. 6, n. 12, p. 8-17, 2017.
- AMORIM, Jão Pedro Oliveira; CABRAL, Guilherme Amorim; HIROKAWA, Sara Rie; MIKAEL-SILVA, Thiago; MARTINS, Alberto MESAQUE. Representações Sociais de Deus e Diabo para homens e mulheres universitários. In: ALMEIDA, Ivete Batista da Silva; COLLARES-DA-ROCHA, Julio Cesar Cruz; MISSIAS-MOREIRA, Ramon (Orgs.). *Perspectivas Interdisciplinares sobre Representações Sociais*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 113-145.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE HIGIENE PESSOAL, PERFUMARIA E COSMÉTICOS. **Vendas de HPPC crescem em 4,7% em 2020 e totalizam R\$122,4 bilhões**. 2021. Disponível em: <<https://abihpec.org.br/vendas-de-hppc-crescem-47-em-2020-e-totalizam-r-1224-bilhoes>>. Acesso em: 22/09/2023.
- BARROS, Mariana Leal de; BAIRRÃO, José Francisco Miguel. Performances de gênero na umbanda: A pombagira como uma interpretação afro-brasileira de mulher? *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, v. 62, p. 126-145, 2015.

BRAIDE, Andrea Stopiglia; BRILHANTE, Aline Veras; ARRUDA, Cristiani Nobre de; MENDONÇA, Francisco Antonio; CALDAS, Jose Manuel Peixoto; NATIONS, Marilyn Kay; DIOGENES, Kátia Castelo Branco Machado; AMORIM, Rosendo Freitas de. Sou homem e pai sim! (Re)construindo a identidade masculina a partir da participação no parto. *Revista Panamericana de Salud Pública*, v. 42, p. 1-7, 2018.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**: censo demográfico 2010. Censo demográfico 2010, Rio de Janeiro, 2012.

CANDIOTTO, Jaci de Fátima Souza. A despatriarcalização de Deus na teologia feminista. *Revista Estudos Feministas*, v. 29, n. 3, p. 1-12, 2021.

CASTRO, Amanda; ANTUNES, Larissa; BRITO, Annie Mehes Maldonado; CAMARGO, Brígido Vizeu. Representações sociais do envelhecimento e do rejuvenescimento para mulheres que adotam práticas de rejuvenescimento. *Psico*, v. 47, n. 4, p. 319-330, 2016.

CAVALCANTE, Alexandre; PINEZI, Ana Keila Mosca. Masculinidades e pertencimento religioso entre jovens espíritas e neopentecostais. *Agenda Social*, v. 8, n. 2, p. 94-106, 2014.

CONNEL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

COUTINHO, José Pereira. Religião e outros conceitos. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, v. 24, p. 171-193, 2012.

ECCO, Clóvis. A função da religião na construção social da masculinidade. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. 14, n. 1, p. 93 – 97, 2008.

FREITAS, Waglânia de Mendonça Faustino; SILVA, Ana Tereza Medeiros Cavalcante; COELHO, Edméia de Almeida Cardoso; GUEDES, Rebeca Nunes; LUCENA, Kerle Dayana Tavares; COSTA, Ana Paula Teixeira. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Revista de Saúde Pública*, v. 43, n. 1, p. 85-90, 2009.

JODELET, Denise. A perspectiva interdisciplinar no campo de estudo do religioso: Contribuições da Teoria das Representações Sociais. In: FREITAS, Maria Helena; PAIVA, Geraldo José; MORAES, Célia Carvalho. (Orgs.). **Psicologia da religião no mundo ocidental contemporâneo**: desafios da interdisciplinaridade. Brasília: Universa, 2013. p. 89-111.

JOSHI, C. Além da polêmica do provedor: mulheres, trabalho e história do trabalho. *Revista Mundos do trabalho*, v. 1, n. 2, p. 147-170, 2009.

JUSTO, Ana Maria; CAMARGO, Brígido Vizeu. Corpo e cognições sociais. *Liberabit*, v. 19, n. 1, p. 21-32, 2013.

LEMONS, Fernanda. A Representação Social da Masculinidade na Religiosidade Contemporânea. *Diversidade Religiosa*, v. 1, p. 1-17, 2011.

LEMOS, Fernanda. “Se deus é homem, o demônio é [a] mulher!”: a influência da religião na construção e manutenção social das representações de gênero. *Ártemis*, v. 6, p. 114-124, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Religião, cultura e política. *Religião e Sociedade*, v. 32, n. 2, p. 29-56, 2012.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. *Estudos Feministas*, v. 13, n. 2, p. 387-396, 2005.

MARTINS, Alberto Mesaque. *Masculinidades no Reino de Deus*: corpo, gênero e representações de homem entre frequentadores da Igreja Universal do Reino de Deus. 2019. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

MARTINS, Alberto Mesaque; GAZZINELLI, Andreia Pereira; ALMEIDA, Suellen Santos; MODENA, Celina Maria. A assistência psicológica aos homens com câncer: reflexões na perspectiva de gênero. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, v. 16, n. 1, p. 49-69, 2013.

MARTINS, Alberto Mesaque; NASCIMENTO, A. R. A. do. Gênero e suas Implicações nas Práticas Religiosas: Estudo Exploratório entre Universitários Brasileiros. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 24, n. 3, p. 1-20, 2022.

MARTINS, Alberto Mesaque; NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso do. “Eu não sou homem mais!?: masculinidades e experiências de adoecimento por câncer da próstata”. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 13, n. 2, p. 1-19, 2020.

MARTINS, Alberto Mesaque; NASCIMENTO, Adriano Roberto. “Matar o velho homem, nascer de novo”: Representações Sociais de homem entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 26, n. 3, p. 273-285, 2021.

MOLINER, Pascal; ABRIC, Jean Claude. Central core theory. In: SAMMUT, Gordon. et al. (Orgs.). *The Cambridge Handbook of Social Representations*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 83-95.

MORAIS, Gabriela. *O corpo da mulher enquanto resistência*: sobre a insurgência por meio de um direito novo. 2020. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

MOSCOVICI, Serge. *A invenção da sociedade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

MOSCOVICI, Serge. *Representação social*: investigação em Psicologia Social. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

NASCIMENTO, Adriano Roberto; GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria; TRINDADE, Z. A. A representação social do trabalho feminino para homens casados. *Mental*, v. 6, n. 11, p. 145-164, 2008.



NASCIMENTO, Christiane Moura; SILVA, Luiz Carlos Avelino da. Sujeito Mulher: a imagem da beleza. **Revista Subjetividades**, v. 14, n. 2, p. 343-357, 2014.

NASCIMENTO, Célia Regina Rangel; BIASUTTI, Carolina Monteiro; ARAÚJO, Ivy Campista Campanha de; TRINDADE, Zeidi Araújo. Os papéis da mulher e do homem nas famílias pela óptica masculina: um estudo de duas gerações. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 16, n. 4, p. 1-18, 2021.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Pólen, 2020.

NOVAES, Joana de Vilhena. **O intolerável peso da feiúra**: sobre as mulheres e seus corpos. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006.

OLIVEIRA, Artur Bruno Fonseca de; LIMA, Ana Ignez Belém. Vigotski e os Processos Criativos de Professores ante a Realidade Atual. **Educação & Realidade**, v. 42, n. 4, p. 1399-1419, 2017.

PAIVA, Geraldo. Psicologia da Religião no Brasil: história, resultados e perspectivas. In: ESPERANDIO, M.; FREITAS, M. (Org.). **Psicologia da Religião no Brasil**. Curitiba: Juruá, 2017. p. 47-60.

QUEIROGA, Luana do Carmo; NASCIMENTO, Adriano Roberto. Senhora das águas e da canção: representação social de lemanjá na música popular brasileira. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 36, p. 1-21, 2019.

ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. **Cadernos Pagu**, v. 16, p. 79-96, 2001.

ROSADO-NUNES, Maria José. Feminismo, gênero e religião: Os desafios de um encontro possível. **Estudos de Religião**, v. 31, n. 2, p. 65-76, 2017.

ROSADO-NUNES, Maria José. Gênero e religião. **Estudos Feministas**, v. 13, n. 2, p. 363-365, 2005.

ROSAS, Nina. **Cultura evangélica e “dominação” do Brasil**: Música, mídia e gênero no caso do Diante do Trono. 2015. 265 p. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

RUBIÃO, André. **História da universidade**: genealogia para um modelo participativo. Coimbra: Edições Almedina, 2013.

SANTOS, Camila Maria; BARTILOTTI, Carolina Bunn. **Um estudo sobre a percepção de cristãos praticantes, não praticantes, não cristãos e ateus acerca de mulheres que optam por não exercer a maternidade**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2020.

SERPA, Alyne Manfron; OLIVEIRA, Fernanda Camilo de, MEDEIROS, Danuta. A não maternidade: caminhos possíveis para a mulher contemporânea. **Revista da Faculdade Paulo Picanço**, v. 3, n. 1, p. 1-25, 2023.



SILVA, Edilene Oliveira. As filhas de Eva: religião e relações de gênero na justiça medieval portuguesa. *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 1, p. 35-52, 2011.

SOUZA, José Neivaldo. O destino do homem no plano de Deus: uma análise da antropologia patrística sobre a “imagem e semelhança”.

*Revista Pistis Praxis*, v. 1, n. 1, p. 119-145, 2009.

SOUZA, Sandra Duarte. Representações de gênero na literatura evangélica. *Estudos de Religião*, v. 31, n. 3, p. 317-331, 2017.

SWATOWISKI, Claudia; SILVA, Dayane; ALVARENGA, Otávio. Religião no contexto universitário: uma pesquisa entre estudantes de Ciências Sociais e Psicologia da UFU. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*, v. 20, n. 2, p. 338-411, 2018.

VASCONCELLOS, Karina Mendonça; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALMEIDA, Angela Maria. A representação social da família em transformação: cinquenta anos na revista família cristã. *Psicologia & Sociedade*, v. 32, 2020.

VÁSQUEZ, Georgiane. Maternidade e Feminismo: notas sobre uma relação plural. *Revista Trilhas da História*, v. 3, n. 6, p. 167-181, 2014.

WACHELKE, João; WOLTER, Rafael. Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 27, n. 4, p. 521-526, 2011.

WACHELKE, João; WOLTER, Rafael; MATOS, F. Efeito do tamanho da amostra na análise de evocações para representações sociais. *Liberabit*, v. 22, n. 2, p. 153-160, 2016.

Recebido: 22-01-2024

Aprovado: 13-05-2024



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.